

Mulher: esse corpo aberto e perfurado

09/03/2017

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Mais uma vez, o Dia Internacional da Mulher obriga a nós, artesãs da palavra, a voltar-nos sobre nossa condição e gênero. Uma reflexão sobre a mulher, sobre o ser mulher, no singular e no coletivo, se impõe a cada ano por ocasião deste dia. Pois a mulher não é um tema de moda que emerge, cresce e depois passa. É questão de cada dia, de todo dia, sempre arcaico, sempre novo, pois assim é a condição humana com a diferenciação já nela plantada pelo próprio Criador: *Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gen 1,27)*

Desde o início, o autor bíblico chama a atenção para a maravilha diferenciada da Criação, feita da mesma corporeidade tirada da terra (Adão, adama: tirado da terra), mas apresentando uma versão diferente: Eva – a mãe dos viventes, a que traz em sua corporeidade a potência de gerar o outro.

No judeu-cristianismo e na linguagem bíblica, embora a denominação mais corrente do Antigo Testamento para a mulher seja a palavra “ ischa”, existe o termo “nekeva”, que é aplicado a todas as fêmeas em todas as categorias de seres vivos e que significa “a aberta”, “a perfurada”.

Com precaução, pode-se usar o termo nūqēbâ (nekeva) para referir-se às mulheres, consciente, no entanto, de que o termo oficial no singular é ʾiššâ (ischa). A grande diferença é que o primeiro - nūqēbâ (nekeva) - se utiliza mais para referir-se a animais, ou seja, “macho e fêmea”. No Pentateuco especialmente, a tradição sacerdotal prefere este termo para enfatizar o aspecto da reprodução na diferenciação de gêneros. Os dicionários bíblicos em geral identificam *nekeva* na explicitação do que seria a fêmea, no sentido de aberta, perfurada, à diferença do macho, cujo falo prolonga a corporeidade ao mesmo tempo fechada e ativa que é a sua.

Em resumo, na Bíblia, nekeva é a fêmea tanto dos humanos como dos animais. A mulher, portanto, segundo a concepção bíblica, é um “ buraco” (e este seria o sentido mais profundo da palavra hebraica “mulher” (fêmea) em hebraico.

Este vazio, este buraco da corporeidade feminina remete a sua porosidade, a sua potencialidade metamórfica, a sua abertura receptiva para a alteridade. Muitos autores e autoras modernos identificam nessa abertura, nesse vazio, oco disponível e pronto a ser habitado e preenchido, o lugar da Transcendência na criação finita capaz do infinito pela graça. Seguem daí uma concepção da mulher que valoriza a maternidade, pela significação que a esta dão as religiões em geral e o cristianismo em particular.

As construções imaginárias de muitas religiões antigas veem o mundo como um macrocosmo do corpo feminino, com seus ciclos e suas fertilidades intercaladas de esterilidades. Assim também o Cristianismo, com toda a importância que dá a Maria, Virgem e Mãe, elabora um discurso ainda não superado sobre essa abertura e “perfuração” do corpo feminino, do qual sai e brota a salvação da humanidade. A religião reconhece o poder único e inimitável do paradigma materno. E reconhecendo-o, o perpetua, trazendo assim equilíbrio ao humano.

A grande pensadora francesa Julia Kristeva, atea fascinada pelo religioso e pela mística, afirma que colocar, como o faz nossa época, todos os refletores sobre o biológico e o social, a liberdade sexual e a paridade de competências e salários, torna a nossa civilização a primeira que carece de um discurso sobre a complexidade da

vocação materna. E confessa ser seu sonho poder ajudar as mães a reencontrar a paixão da gravidez, da reprodução. Em seu trabalho de psicanalista percorre um caminho que vai nessa direção.

Ao comentar a pintura de flores exuberantes e ossos lisos da artista estadunidense Georgia O'Keeffe, comenta Kristeva que "as mulheres tiveram desde sempre uma percepção íntima, germinal e cíclica da beleza renascente de tudo que é vivo, porque elas a levam em seu ventre fecundo."

A corporeidade feminina, portanto, acompanha a configuração das flores em sua fertilidade, em sua vitalidade, em sua explosão de vida e de alteridade. E dá testemunho de que os ossos secos da visão do profeta Ezequiel, no capítulo 37 do livro do mesmo nome, podem não só reviver como transformar-se em flores pujantes de beleza e vigor.

A abertura, a perfuração do corpo da mulher, longe de ser cicatriz que fecha e esteriliza, é caminho para que a vida aconteça. E isso não constitui uma diminuição que contrai e atrofia, mas sim potencialidade que dilata e empodera.

Minha reflexão neste Dia da mulher é que fizemos um percurso no encalço da libertação de nosso corpo. Não queremos mais ser escravas sexuais, ou empregadas de luxo, meros receptáculos de machos desrespeitosos e violentos. Me parece que está na hora de realizarmos, com força e doçura, a redenção do que de mais belo nos foi dado.

Trata-se de algo muito além do biológico puro e simples. Algo sagrado e sublime: a inscrição em nossa carne da geração da vida. Mesmo as mulheres que nunca geraram ou pariram um rebento carregam em seus corpos essa "perfuração" que vai dar nas fontes arcanas do mistério da existência. Neste dia, celebremos esse oco, esse "buraco" que há em nós, que palpita e lateja ao ritmo do desejo do Criador e do qual pode jorrar vida em abundância para muitos.